

## A ÁGUIA: PORTUGAL E SEU DESTINO DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

PAULO FERNANDO DA MOTTA DE OLIVEIRA  
Universidade Federal de Ouro Preto

O advento da República em Portugal, em 1910, após um bem - sucedido golpe iniciado em quatro de outubro, representou a implantação de um regime que pouco tinha de propostas concretas, mas que era visto como a possível salvação da pátria portuguesa.

Oliveira Marques considera que a ideologia republicana, surgida de forma clara nos meados do século XIX, nestes mais de 60 anos que foram do seu aparecimento à implantação da República, se ganhou a adesão de uma parcela significativa da população, em especial nas duas maiores cidades, perdeu em consistência. Se em 48 o primeiro mentor importante da República, Henrique Nogueira, defendia uma forma específica de governo, neo-municipalista, participando de uma federação ibérica socialista, em 1890 ou 1900 ser republicano era ser contra a Monarquia, a Igreja, os Jesuítas e contra a corrupção política e os grupos oligárquicos, mas não era ser a favor de nenhuma proposta efetiva e clara. Porém, se o projeto republicano havia perdido em propostas concretas, teve o seu caráter messiânico exacerbado durante este período. Era visto como algo cuja proclamação por si só iria criar uma nova ordem que, quase magicamente, geraria um novo Portugal, melhor e mais justo. “A Portuguesa”, hino nacional a partir de 10, caracteriza bem este tipo de visão: “Heróis do mar, nobre povo... levantai hoje de novo o esplendor de Portugal...” “brade à Europa e à Terra inteira: Portugal não pereceu...” “Saudai o sol que desponta sobre um ridente porvir; seja o eco d’uma afronta o sinal do ressurgir...”<sup>1</sup>.

Porém, a República que surgiu não foi exatamente o que era esperado, não foi a República dos sonhos. Em seus quase dezesseis anos se sucederam, segundo

---

<sup>1</sup> *Apud* MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal II*. p. 244.

José Manuel Garcia<sup>2</sup>, 45 governos, sendo que na década que particularmente aqui nos interessará, a de 10, existiram 27. Uma tal instabilidade não podia, como de fato não pôde, propiciar a construção de um regime sólido que efetivamente modificasse o estado de coisas em Portugal e o papel de segunda categoria que o país tinha no continente europeu. A própria estrutura partidária também não o permitia. Existia, em especial na década de 10, apenas um partido, o Democrático, que não possuía um chefe que o dominasse totalmente. Todos os demais eram organizações que giravam em torno de seus líderes (como os dois partidos conservadores, o Evolucionista e a União Republicana, que eram dominados respectivamente por Antonio José de Almeida e por Brito Camacho) ou eram pequenas agremiações, formadas por elementos que, ao longo destes dezesseis anos, se incompatibilizaram com as atitudes tomadas pela parte majoritária dos seus partidos de origem, criando novos.

Além de tudo isto, deve-se acrescentar como elemento importante para a instabilidade da República a resistência monárquica que, pelo menos no início do novo regime, caracterizou-se pela tentativa de invadir o país para nele re-instalar a Monarquia, com duas incursões importantes, em 11 e em 12, e com a formação, em 19, da efêmera Monarquia do Norte, que durou de 19 de Janeiro a 13 de Fevereiro. Também do lado do operariado a instabilidade foi reforçada por sucessivas ondas de greves, que atingiram principalmente as duas maiores cidades.

É no interior deste contexto histórico que podemos entender o sentido dos artigos publicados em *A Águia*. Como sabemos, *A Águia*, “revista ilustrada de literatura e crítica”, foi lançada em 1910 no Porto. Sua primeira série teve curta duração por motivos até hoje não suficientemente explicados, e já em janeiro de 1912 foi lançada a segunda, quando esta revista passou a pertencer à *Renascença Portuguesa*, movimento que foi, provavelmente, o mais importante dos muitos que, logo após o advento da República, pretenderam reerguer e dar um novo sentido a Portugal. Se para o grupo de pensadores mais diretamente ligados à *Renascença*, só retomando antigos valores, fazendo ressurgir a alma portuguesa que se perdera em séculos de estrangeirismo, é que Portugal poderia se reerguer em todos os aspectos, do econômico ao mítico, e assumir uma posição relevante na Europa e no mundo, nesta revista encontramos também outras concepções sobre o destino português, tendo em vista que nela colaboraram escritores e pensadores que, não estando de fato vinculados ao Saudosismo, vieram mais tarde a tomar rumos bastante distintos. Entre os colaboradores de *A Águia* encontramos poetas como Fernando Pessoa, historiadores e críticos de cultura como António Sérgio e Jaime

---

<sup>2</sup> Como pode ver visto em GARCIA, José Manuel. “A Primeira República”. *História de Portugal - Uma Visão Global*. pp. 229-39.

Cortesão, filósofos como Leonardo Coimbra e Miguel de Unamuno, entre outros. Assim podemos entender por que Maria de Lourdes Belchior afirma que “A **Águia** é sem dúvida um dos mais ricos repertórios da história da cultura e da literatura portuguesa da primeira metade do século XX”<sup>3</sup>. Nela se entrecrocavam uma série de *imagens de Portugal*: para cada um desses autores e/ou correntes não só o país e sua realidade presente são interpretados de formas distintas, mas também as possíveis saídas para a decadência, evidente em praticamente todos, herdeiros que são da geração de 70, são distintas e, muitas vezes, antagônicas<sup>4</sup>.

Se o que acima expusemos parece indicar que esta revista é, de fato, um território fértil para analisarmos como Portugal se via neste conturbado período, as várias auto-imagens que possuía e as possíveis saídas para o estado de crise em que se encontrava, hipótese que mais à frente comprovaremos, esse é contudo um território ainda muito pouco explorado. Além de citações rápidas em alguns manuais de literatura e alguns artigos esparsos, bem como referências setorizadas à participação de um ou outro escritor, apenas um livro tenta, em seu conjunto, analisar o movimento saudosista: **Poética do Saudosismo**, de Fernando Guimarães, e mesmo este está mais preocupado com o Saudosismo e sua poética, e não com o conjunto da produção que está nesta revista presente, produção esta que chega a assumir, em alguns artigos, até mesmo um carácter anti-saudosista<sup>5</sup>.

Em vista disto, trabalhar com esta revista é lidar com um material quase virgem, praticamente ainda não analisado, pelo menos em seu conjunto, pela crítica. É este trabalho que venho realizando em meu doutorado, em que levanto os vários artigos nos quais se estruturam, mesmo que parcialmente, *imagens de Portugal*,

---

<sup>3</sup> BELCHIOR, Maria de Lourdes, **Os Homens e os Livros II. Séculos XIX e XX**.

<sup>4</sup> A intervenção cultural da *Renascença*, porém, não se restringiu à intensa discussão sobre os rumos que o país deveria tomar, presente nos artigos de **A Águia**. Ela também foi responsável por vários outros projetos importantes, como a manutenção de uma tipografia em que foram publicadas obras relevantes como, por exemplo, **O encoberto** de Sampaio Bruno, **A saudade portuguesa** de Carolina Michaelis, **O criacionismo** de Leonardo Coimbra, entre outras, e a criação de universidades populares no Porto, o que mostra o papel relevante que esta associação teve no período.

<sup>5</sup> A existência de artigos contrários ao Saudosismo dentro de **A Águia** pode ser comprovada, por exemplo, pela participação assídua de António Sergio, que era um ferrenho opositor do movimento, oposição que fica clara na longa polêmica que manteve com Teixeira de Pascoaes nos volumes V e VI desta publicação. Isto, por sinal, só corrobora a nossa hipótese de que são várias e múltiplas as imagens de Portugal presentes nesta revista e de que o Saudosismo, se é dominante, não é a única tendência a ter nela espaço.

analisando as relações existentes entre as várias imagens construídas<sup>6</sup>. Uma breve análise do primeiro volume de *A Águia* poderá indicar a pertinência deste tipo de abordagem. Neste volume, que compreende os primeiros seis números da segunda série da revista, publicados de janeiro a junho de 1912, podemos encontrar uma série de textos que, direta ou indiretamente, se referem a Portugal, textos estes que são abaixo indicados:

- 1 — *Renascença*. Teixeira de Pascoaes. pp. 1-3.
- 2 — *Palavras Antipáticas — IVº estado — O estado artista*. Villa-Moura. pp. 5-7.
- 3 — *Quinta das Lágrimas — Fonte dos Amores*. Augusto Casimiro. p.20.
- 4 — *Pedro Nunes e a Álgebra*. Augusto Martins. pp. 23-6.
- 5 — *Da liberdade e seus detentores*. Joaquim Martins Manso. pp. 27-8.
- 6 — *Renascença (o espírito da nossa raça)*. Teixeira de Pascoaes. pp. 33-4.
- 7 — *Inédito*. Oliveira Martins.p. 35.
- 8 — *Silva Pinto*. Villa-Moura. pp. 40-3.
- 9 — *O Ensino Oficial de Bellas Artes*. João Augusto Ribeiro. pp. 56-7.
- 10 — *A situação política*. Raul Proença. pp. 58-62.
- 11 — *Uma carta para Manuel Laranjeira*. Teixeira de Pascoaes. pp. 65-7.
- 12 — *Inédito*. Antero de Quental. p. 68.
- 13 — *Pedro Nunes*. Augusto Martins. pp. 88-90.
- 14 — *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*. Fernando Pessoa. pp. 101-7.
- 15 — *Basílio Teles*. Leonardo Coimbra. pp. 122-3.
- 16 — *Manuel Laranjeira*. João de Barros. p. 128.
- 17 — *O Poeta e a Nau*. Augusto Casimiro. p. 129.
- 18 — *A Evolução da Vida por Augusto Casimiro*. Villa-Moura. p. 131.
- 19 — *Reincidindo*. Fernando Pessoa. pp. 137-4.
- 20 — *Julio Vaz*. Veiga Simões. pp. 152-3.
- 21 — *As Nossas Indústrias de Arte*. António Arroio. pp. 154-60 e pp. 187-91.
- 22 — *Camões*. Teixeira de Pascoaes. p. 173.

---

<sup>6</sup> É importante salientar que isto só foi possível graças a uma verba fornecida pelo FAEP/Unicamp, com a qual pude microfilmear os 22 volumes da segunda série da revista *A Águia* existentes na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e doar este material para o CEDAE, onde ele agora está depositado.

23 — *Regendo a Sinfonia da Tarde*. Jaime Cortesão. pp. 175-80.

24 — *O Regresso ao Paraíso por Teixeira de Pascoaes*. Leonardo Coimbra. pp. 197-9.

Numa primeira abordagem podemos dividir estes textos em vários grupos distintos, em função seja do tipo de texto (artigo/poesia), seja da forma como Portugal é representado:

- Textos sobre pessoas específicas e as obras que realizaram: textos 4, 8, 11, 13, 15, 16, 20, 22;
- Análises da situação atual de Portugal e de possíveis saídas para o país: textos 1, 2, 5, 6, 10, 14, 19;
- Poesias em que são constituídos traços característicos de Portugal: textos 3, 17, 23;
- Análises sobre a arte em Portugal: textos 9 e 21;
- Inéditos de autores já falecidos, escritos na época do Ultimatum: textos 7 e 12;
- Análises sobre livros recém-publicados, nos quais a situação de Portugal é discutida: textos 18 e 24.

Pelo grande volume de textos acima citados podemos ver o obsessivo realce que ganha Portugal e seu destino nesta revista. Se praticamente a todo momento esta questão aparece, certamente são os textos do segundo grupo acima os que, mais diretamente, a ela se referem, pois é neles que encontraremos explicitamente, se não combativamente, posições claras sobre o que é necessário realizar para que Portugal se transforme. Este conjunto de textos pode ser dividido em três grupos, em função das posturas neles expressas: um, dos que acreditam no futuro grandioso que espera Portugal, formado por Pascoaes e Pessoa; outro, dos que esperam um governo que poderíamos chamar de aristocrático, comandado pelos artistas e intelectuais, formado por Villa-Moura e Joaquim Manso; e um terceiro que, neste volume, está representado apenas por Raul Proença, em que encontramos uma análise da situação caótica em que se encontra Portugal, e em que esta situação é atribuída, entre outras causas, à incapacidade do Governo Provisório não só de dirigir o país, mas até de se entender e propor uma ação conjunta. Estes três grupos antagonísticos nos mostram bem que estamos diante de uma revista que, por mais que seja considerada como órgão de divulgação da *Renascença Portuguesa*, e que deveria, portanto, divulgar os ideais deste grupo, abre espaço para variadas formas de pensar o país e o caminho que este deveria seguir.

Mas se neste segundo grupo o destino do país está em questão, não é apenas nele que se criam imagens do país. Creio que dois exemplares apenas, dado

as suas diferenças, serão suficientes para mostrar a persistência deste tópico: o poema “O poeta e a Nau” de Augusto Casimiro, e um trecho da análise de Villa-Moura sobre um livro do mesmo Augusto Casimiro, que abaixo transcrevemos.

“O Poeta e a Nau”

Vai errante, no mar, uma nau sem governo...  
O oceano é chão azul fundido em aço...  
As velas mortas... Nem sequer vento galerno  
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convez peza um velho cansaço,  
E ou destino fatal ou maldição do inferno,  
O mastro grande em vão aponta para o espaço...

— Sobre as ondas a nau é um carcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,  
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta  
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

“Por que o vento hade vir aninhar-se nas velas!  
“Por que a nau voará — tocará as estrelas!...

— O marujo é Poeta — e a nau... Portugal!”<sup>7</sup>

“Ahi estão alguns Versos dos que o publico tem a julgar. Falo, é claro, do publico-artista, não do outro, do que espera entusiasta, a pandemia egualitaria.

Leia-os ainda o bom povo, o que contrasta a Raça, através de notas de vida ingenua e superior.

Somos d’um povo que vive na Miseria expressões de grandeza e aspirações de ressurgimento pela Arte.

Vale o facto uma *virtude de feito*, a que interessa o Destino superiormente infeliz dos povos nevrosados.

A tessitura suave da vida de encantamentos que o Poeta sente, lá do ponto subido do seu planalto d’oiro — é afinal o sonho de ressurgimento para a Belleza, pelo esquecimento do mais do momento...

---

<sup>7</sup> A *Águia*. Vol..I. Porto, 1912, p. 129. Mantivemos a ortografia original da revista.



Abençoado esquecimento!

Bem que pese aos historiões de todos os Ritos, — na hora presente quasi só a Arte é sentida.

Com bom motivo o deve ser a Arte de Augusto Casimiro.”<sup>8</sup>

O primeiro exemplo fala por si, ao construir uma imagem em que Portugal é uma nau parada no mar, na qual um poeta se refere a uma futura grandeza que será alcançada, quando este país-nau tocar as estrelas.<sup>9</sup> Já o segundo, com todas as suas referências contrárias à “pandemia igualitaria”, e suas esperanças sobre o possível salvamento do país pela arte e pelos artistas, possui íntima relação com o outro artigo de Villa Moura, e com o de Joaquim Manso, aos quais acima nos referimos, em que a proposta de criação de um governo aristocrático nas mãos dos artistas é tida como a única forma de salvar o país. Estes dois exemplos nos mostram, como acima dissemos, que Portugal enquanto questão é algo fundamental e bastante disseminado no interior desta revista, aparecendo não só nos artigos mais claramente políticos, mas também em vários outros textos.

O que aqui dissemos certamente é muito pouco diante da riqueza do material presente em **A Águia**, e apenas esboça, em linhas muito gerais, o trabalho que estamos desenvolvendo. Creio, porém, que já é suficiente para mostrar o quão relevante é o estudo das *imagens de Portugal* presentes nesta revista. Se, como afirma Eduardo Lourenço, “a partir de Garrett e Herculano, Portugal, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo da pulsão literária determinante. A tal ponto, que nos parecem insignificantes ou de pouco relevo aquelas obras em que essa manifestação está ausente”<sup>10</sup>, **A Águia** parece ser um espaço em que este tema é incessante e multiplamente glosado, espaço fundamental para que possamos entender o seu desenvolvimento no início deste século.

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>9</sup> Este poema, por sinal, possui várias semelhanças com o “San Gabriel” de Camilo Pessanha, em que a mesma imagem do país-nau que poderá tocar as estrelas é utilizada. Se apenas falamos em *semelhanças* é porque não podemos dizer se houve de fato influência de Camilo Pessanha, visto que a primeira edição da **Clepsidra** é de 1920 e, anteriormente, “San Gabriel” só havia sido publicado no **Jornal Único** de Macau, em 25 de maio de 1898.

<sup>10</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Da literatura como interpretação de Portugal”. **O Labirinto da Saudade**. p. 87.